

WINN, Peter. *Americas: The Changing Face of Latin America and the Caribbean*. New York, Pantheon Books, 1992.

O interesse de autores estrangeiros em estudar a América Latina diminuiu na década de 80. O subcontinente-problema; mergulhado na sua dívida externa, dilacerado pelas desigualdades sociais e incapaz de empreender um projeto de modernização, deixou de fascinar os intelectuais e a opinião pública dos países mais desenvolvidos. Este desinteresse traduzido no decréscimo dos recursos para pesquisa sobre América Latina, na estagnação dos centros de estudos latino-americanos, resultou na diminuição de publicação de novas obras sobre a América luso-hispânica.

Iniciada em 1985, a obra *Americas* de Peter Winn constitui uma exceção neste contexto recente. A obra é excepcional pela sua abrangência. Isto faz com que os inúmeros temas abordados sejam tratados com certa superficialidade. Ela é diferenciada pela sua abordagem interdisciplinar. Não é um livro de história, mas também um livro de história. Os enfoques sociológico, antropológico, político e econômico se completam para esboçar um mosaico. Um mosaico que reflete o passado da população das Américas: os indígenas, os europeus e os africanos. Uma população espalhada hoje, da Argentina ao Canadá.

O primeiro capítulo é dedicado à geografia que explica a história. As costas para o Atlântico e o Pacífico constituem bordas ocupadas pelo colonizador para depois aproximar-se da complexa região dos Andes que divide o subcontinente. O degelo da cordilheira constitui, com as chuvas, as fontes das águas amazônicas. Águas que correspondem a mais de 20% de água doce do planeta e que banham a maior floresta tropical do mundo. Um patrimônio que serviu de referência para os debates sobre “meio-ambiente e desenvolvimento” que culminaram com a reunião do Rio em 1992.

Quais os motivos para empreender este ousado projeto que resultou na série de televisão da “Boston Public Television Station” e neste livro de Peter Winn, sobre as Américas? Em complemento ao marco histórico do quinto centenário da chegada de Cristóvão Colombo, há nos Estados Unidos um genuíno interesse para conhecer melhor as origens da sua última onda migratória. Uma onda que não atravessou oceanos para ingressar pelos portos, mas cruzou legal ou ilegalmente as fronteiras do sul. A presença “hispânica” nos Estados Unidos é estima-

da em 25 milhões de habitantes. Ela corresponde a mais de dez por cento da população total, um terço da sua força de trabalho e constitui uma presença expressiva nos estados da Flórida, Califórnia, Texas e Nova York. Em menos de trinta anos esta onda migratória transformou o perfil sócio-cultural dos Estados Unidos.

São cubanos, porto-riquenhos, dominicanos, haitianos, mexicanos, colombianos, venezuelanos, equatorianos, argentinos e mais recentemente, brasileiros, que constituem uma diáspora de luso-hispânicos, que preserva sua herança cultural.

Winn acredita na assimilação desta comunidade na sociedade norte-americana. Esta população se distingue, no entanto, pelo seu orgulho étnico. Um orgulho que impõe aos filhos que sejam inicialmente educados em espanhol e em seguida em inglês.

Nos Estados Unidos a língua espanhola permeia os meios de comunicação (rádio, televisão, jornais, livros), o sistema educacional e tornou-se uma pré-condição de emprego em muitas empresas. Do outro lado, forças conservadoras se rebelam contra esta "invasão estrangeira". Com base em um profundo sentimento xenófobo, Pete Wilson, governador republicano do estado da Califórnia, conseguiu a adoção da proposição 187 que proíbe aos filhos de imigrantes ilegais o acesso às escolas e aos hospitais públicos. Um ambiente que cria um clima de suspeição em relação aos "latinos", inclusive quanto às crianças de nacionalidade americana nascidas de pais em situação ilegal (Le Mur de San Diego – Philippe Bernard. *Le Monde*, 13.01.1995).

Quais as origens e história recentes desta diáspora que preserva sua identidade e que sob a denominação de "hispânica" transmite uma falsa homogeneidade já que ela é diversificada e culturalmente heterogênea? Para responder a esta indagação, Peter Winn adota caminhos variados. Ele navega por cinco séculos na história de alguns países especialmente Argentina, Brasil e México. Em seguida, muda

de enfoque, descreve a condição do índio e aborda a questão do negro. Em cada caso escolhe os países onde esta presença é mais significativa. No caso do negro, o Haiti e o Brasil. No caso do índio, o Peru e a Bolívia.

Ele analisa a evolução do catolicismo e dos seus movimentos internos de reforma. Descobre novos movimentos religiosos dissidentes como os evangélicos, episcopais e outros que têm se espalhado rapidamente nas camadas mais carentes da população e que se utilizam da televisão para propagar suas crenças. Destaca com surpresa a dimensão destas novas correntes religiosas e seu impacto na cultura da região. Um impacto que pode ser também observado na música e nas manifestações artísticas em geral, como nas novelas brasileiras e mexicanas hoje procuradas pelo mercado audiovisual internacional.

O autor conclui seu percurso descrevendo a fragilidade dos partidos políticos na região, a instrumentação do Estado, as rupturas nas democracias em consolidação e as crises institucionais que têm despertado o interesse da opinião pública.

O percurso adotado é longo, rico em depoimentos e registros obtidos junto a atores sociais que foram, ou são, lideranças nesta sociedade em rápida mutação. Às vezes como uma reportagem, outras como um romance, o percurso resulta numa perspectiva atual do sul pelo norte. Um norte já impregnado pelos problemas do sul e que hospeda uma expressiva comunidade originária da América Central e do Sul. Um Sul, cujas elites trancadas em suas moradias testemunham diariamente a vida no Norte através das redes globais de televisão.

A América do Norte busca compreender a complexidade cultural e sócio-econômica da sua última grande onda migratória. Uma onda que já condiciona sua política externa, como no caso de Cuba. Uma complexidade que terá que ser apreendida por aqueles que se debruçam sobre o projeto de integração continental, debatido em dezembro de 1994 em

Miami, epicentro financeiro e turístico da América luso-hispânica.

O crepúsculo do Século XX é acompanhado por um interesse renovado de *scholars* norte-americanos sobre a América Latina. As ondas migratórias e as perspectivas de uma integração continental, apesar dos percalços recentemente enfrentados pelo México, restabelecem uma corrente de reflexão interrompi-

da durante uma década. A obra de Peter Winn, constitui uma importante contribuição nesta direção.

Na tentativa de abranger todos os países e todos os tempos, a obra se tornou enciclopédica, o que a torna uma fonte de referência especialmente para os iniciados em cada época e tempo analisados pelo autor. Este *vol d'oiseau* sobre o Caribe e a América Latina confirma o subtítulo da obra.

Jacques Marcovitch
Universidade de São Paulo